

A LINGUAGEM DE CLARICE LISPECTOR COMO DESAUTOMATIZAÇÃO DA VIDA

Vânia Maria Castelo Barbosa*
Vera Lucia Albuquerque de Moraes**

Resumo

O presente texto visa apresentar algumas observações sobre a linguagem que Clarice Lispector desenvolveu em sua escrita. Partimos de algumas características já apontadas pela crítica literária dessa autora, comprovando que a linguagem clariceana atinge a essência do ser, uma vez que deixa em alerta o leitor, permitindo-o fazer questionamentos profundos que ultrapassam o cotidiano e o superficial da língua, possibilitando, assim, uma percepção desautomatizada da vida.

Palavras-chave: Clarice Lispector; linguagem; literatura, desautomatização.

Abstract

This text wants to present some observations about the language that Clarice Lispector developed in her writing. It is based on some features already detailed about her by literary critics proving that Clarice's language reaches the being's essence, since it leaves the reader on alert, allowing him to think about deep questions that exceed the daily and the language's surface, making possible, therefore, life's disautomatization.

Key words: Clarice Lispector; language; Literature.

*Ao invés de tomar a palavra,
gostaria de ser envolvido por ela
e levado bem além de todo começo possível.*
Michel Foucault

A linguagem é via de acesso entre o homem e o mundo. A expressão de tudo o que existe implica relações entre um e outro, porque ambos se constituem como linguagens.

Desse modo, no ato da leitura do mundo, o escritor pode inculcar em seu trabalho sua percepção e apreensão dos objetos do seu mundo particular e coletivo, podendo, assim, escrever sobre o que leu, bem como sobre sua própria palavra.

É nesse jogo de linguagem, formado pelas relações entre homem e mundo, entre escritor e palavra-experiência, que o leitor vê inscrever-se a obra de Clarice Lispector. A autora insere-se na própria escrita, fazendo, através da linguagem, questionamentos profundos do ser e da palavra, que ultrapassam o cotidiano, o superficial da língua e de seus significados. Segundo Vieira,

Ao utilizar a linguagem de modo a superar os meros procedimentos para a comunicação cotidiana, o autor alcança a atenção do leitor que percebe a obra como raridade quando ocorre, então, sua desautomatização, ou seja, o leitor não apenas reconhece automaticamente os objetos, mas experimenta uma visão particular deles. (VIEIRA, 2000, p. 25)

Quando inicia sua trajetória como escritora profissional, Lispector encontra um espaço literário propício à valorização do significante, já que a influência modernista, no Brasil, foi fator preponderante para se pensar uma nova forma de escrever literatura. As idéias inovadoras do Modernismo, das vanguardas estéticas européias, o romance de 30, além da proposta dos poetas da Geração de 45, são fatores importantes que atuaram como alicerce para a literatura brasileira e que influenciaram a escrita de autores como Clarice Lispector e Guimarães Rosa.

* Aluna do Programa de Pós-Graduação em Letras (Mestrado), da Universidade Federal do Ceará; bolsista da CAPES

** Professora do Departamento de Literatura e do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Ceará. Curso de Mestrado em Teoria da Literatura na UFRJ e doutorado em Sociologia na UFC.

Nesse contexto, a autora publica, em 1944, *Perto do coração selvagem*. Nesse primeiro livro, o leitor já percebia a autonomia e inovação da escrita clariceana, que expressa intimidade e paixão pela língua portuguesa e pelo próprio ato criador. Por ocasião do lançamento desse livro, ela confessa: “Escrevo porque encontro nisso um prazer que não sei traduzir. Não sou pretenciosa. Escrevo para mim, para que eu sinta minha alma falando e cantando, às vezes chorando.” (apud MANZO, 2001, p. 26)

Pelas palavras de Clarice Lispector, percebe-se o quanto a criação literária é importante para ela, enquanto ser, e o quanto a palavra a envolve e, conseqüentemente, envolve o leitor, pois sua escrita trata da língua, assim como da vida. A linguagem adotada em seus livros está sempre em confronto com o ser. É sempre uma indagação sobre o ser e sobre a comunicação com o mundo e consigo mesmo.

Para Silva,

Clarice Lispector instaurou um projeto de escrita ao qual inseriu suas convicções, suas hesitações e forçou os esquemas convencionais dos gêneros que cultivou: o romance, o conto, a crônica. Tocou profundamente o poético, elaborando um texto “quase-prosa, quase-verso”, desarticulando as expectativas, conferindo a estes gêneros a marca de seu estilo, renovando-os, conduzindo a fronteiras de difícil superação, legitimando o direito à permanente pesquisa estética, impedindo a estagnação do fazer poético. (SILVA, 2000, p. 124)

É essa constante reinvenção da linguagem poética e da vida que torna a escritura de Clarice um texto revitalizador da língua portuguesa e da literatura brasileira.

Com um estilo próprio, a autora faz com que a palavra vá além da fronteira dos sons e sinais, levando-a a se tornar “valor”, acima de sua significação cotidiana, além de clichês lingüísticos e, através dessa reinvenção da língua, renova também clichês sociais, possibilitando ao leitor refletir até sobre posturas que são automatizadas no cotidiano, não permitindo que se faça uma inquirição diante da vida e da língua. “Assim, a linguagem, tematizada na obra de Clarice Lispector, envolve o próprio objeto da narrativa, abrangendo o problema da existência, como o problema da expressão e da comunicação”. (NUNES, 1969, p. 130)

Quando os indivíduos deixam de ser um clichê social e tornam-se uma unidade diferenciada, com inquietações individuais, que é o que ocorre com as personagens clariceanas, e “tentam sair do inautêntico para iniciar a busca de si mesmos” (Op. cit., p. 131) nesse momento, a língua torna-se uma barreira oposta à comunicação, pois, segundo Benedito Nunes, a língua que falamos é uma herança cultural, socialmente transmitida, portanto nos torna seres inautênticos, despersonalizados. Dessa forma, ele considera que o silêncio surge como uma forma de linguagem no texto de Clarice Lispector, já que os clichês lingüísticos são incapazes de expressar as inquietações que são individuais,

e os significados que estão no âmago das personagens clariceanas. Assim sendo, o silêncio assume a forma de expressão mais autêntica do ser, pois

Viver não é relatável: o momento da vivência, instantâneo, escapa à palavra que expressa. Viver não é vivível: a narrativa, enlace discursivo de significações, recria aquilo que se quis reproduzir. E como reproduzir o instante de êxtase, mudo, sem palavras, que remonta a um mundo não verbalizado? (NUNES, 1988, p. XXVII)

A linguagem clariceana, além dessa face existencialista que ela apresenta e que é analisada por Benedito Nunes em *O dorso do tigre* (1969), mostra também outras formas de construção do texto, o que torna a escrita de Lispector ainda mais autêntica e envolvente.

Olga de Sá, em *A escritura de Clarice Lispector* (1979), faz um apanhado das características que a obra clariceana apresenta, e destaca as seguintes: quebra de linearidade discursiva, metáforas estranhas como oposição ao lugar comum, comparações, paradoxos, pontuação particular, repetições, frase fragmentada, predominância da 3ª pessoa narrativa, metalinguagem, além de uma linguagem visual e plástica.

Outra característica marcante na obra da autora de *Laços de família* (1960), é a linguagem espiritual e mística.

Nelson Vieira, em artigo intitulado *A linguagem espiritual de Clarice Lispector* (1987), diz que

a linguagem e a obra de C.L. refletem e respeitam a estética da narrativa bíblica, especialmente a retórica do Antigo Testamento, onde o poder concreto da palavra, a repetição de palavras-chaves e de uma sintaxe evocativa, mais o elemento mítico, paradoxal e ilógico apresentam ao leitor um estilo sério, sagrado e espiritual, pleno de enigmas e perguntas. (VIEIRA, 1987, p. 83)

É baseada neste conjunto de caracteres da obra de Lispector que será feita a análise de alguns trechos do livro *Laços de família* (1960). Esse livro de contos, que é considerado pela crítica a fase madura da escrita clariceana, apresenta narrativas curtas, em 3ª pessoa, com histórias de mulheres, jovens, velhos, crianças e adultos que vivem encarcerados pelos laços familiares.

Todos os contos apresentam essas características singulares da autora, que cria uma linguagem marcante e peculiar. No conto *Amor*, o leitor pode verificar passagens bem representativas das qualidades que foram expostas ao longo deste ensaio.

A contista usa a visão banal de um cego, que está parado mascando chiclete, para desencadear na personagem Ana uma crise, em meio a sua rotina diária. A desautomatização visual provocada na protagonista da narrativa é resultado da desautomatização de clichês sociais,

de atitudes que vão sendo “robotizadas” pelo homem/ mulher e que conseqüentemente banalizam as relações entre as pessoas.

[...] Foi então que olhou para o homem parado no ponto. A diferença entre ele e os outros é que ele estava realmente parado. De pé, suas mãos se mantinham avançadas. Era um cego.

O que havia mais que fizesse Ana se aprumar em desconfiança? Alguma coisa intranqüila estava sucedendo. Então ela viu: o cego mascava chicletes... Um homem cego mascava chicletes. (LISPECTOR, 1960, p. 21)

Há também, nesse trecho, a repetição de “o cego mascava chicletes”, como se a personagem repetisse para tentar se convencer do que acabara de ver. Olga de Sá acredita que essa repetição presente na escrita clariceana é assumida como uma forma de “cadinela enjoada”, que gera, no texto, o desgaste da palavra” (SÁ, 1979, p. 151), talvez porque a escritora queira tirar o máximo de significância da palavra até o seu esvaziamento, podendo provocar assim, paradoxalmente, a geração de novos significados.

Em outro momento do conto em análise, a autora usa novamente da repetição, mas com um tom carregado da retórica do Antigo Testamento, da estética da narrativa bíblica.

O que sucedera a Ana antes de ter um lar estava para sempre fora de seu alcance: uma exaltação perturbada que tantas vezes se confundiram com felicidade insuportável. Criara em troca algo enfim compreensível, uma vida de adulto. Assim ela o quisera e escolheira. (LF, p.20)

Quanto a ela mesma, fazia obscuramente parte das raízes negras e suaves do mundo. E alimentava anonimamente a vida. Estava bom assim. Assim ela o quisera e escolheira. (LF, p. 21)

Em “Assim ela o quisera e escolheira” e “Estava bom assim. Assim ela o quisera e escolheira”, percebe-se a força da repetição, a carga semântica contida nessa reafirmação da vontade da personagem, além de remeter à linguagem bíblica, lembrando uma passagem do livro de Gêneses quando o narrador descreve a criação do mundo: “Deus disse: ‘Faça-se a luz!’ E a luz se fez. Deus viu que a luz era boa.”[...] “Deus disse: ‘Faça-se um firmamento entre as águas [...] E Deus viu que era bom.” (GÊNESES, 1: 2, 7, 11)

A versatilidade de características e a originalidade com que a autora escreve, coloca o leitor em estado de alerta, pois a leitura dos textos de Lispector desperta o pensamento e a reflexão sobre a língua e sobre a vida.

Para Sá, “há também no estilo de Clarice uma espécie de talento visual e plástico, quanto ao modo de criar a paisagem e o ambiente das personagens” (SÁ, 1979, p. 145):

Ao mesmo tempo que imaginário - era um mundo de se comer com os dentes, um mundo de volumosas dalias e tulipas. Os troncos eram percorridos por parasitas folhudas, o abraço era macio, colado. Como a repulsa que precedesse uma entrega - era fascinante, a mulher tinha nojo, e era fascinante. (LF, p.25)

Sob os pés a terra estava fofa, Ana aspirava-a com delícia. Era fascinante, e ela sentia nojo. (LF, p.25)

As pequenas flores espalhadas na relva não lhe pareciam amarelas ou rosadas, mas cor de mau ouro e escarlates. A decomposição era profunda, perfumada... Mas todas as pesadas coisas, ela via com a cabeça rodeada por um enxame de insetos, enviados pela vida mais fina do mundo. A brisa se insinuava entre as flores. Ana mais adivinhava que sentia o seu cheiro adocicado... O jardim era tão bonito que teve medo do Inferno. (LF, p.25)

Esses trechos acima destacados são ricos dessa qualidade visual e plástica expostas por Sá, mas, apresentam também, comparações, paradoxos, sinestésias e aliterações, recursos estilísticos que, além de enriquecerem a escritura de Clarice Lispector, envolvem o leitor no mais profundo daquilo que a língua permite. É uma escrita que ultrapassa o racional, envolvendo sentimentos, vida, linguagem; pois “Clarice diz, repetidamente, que deve ser entendida com o corpo, pois é com ele que escreve.” (SÁ, 1979, p. 328):

Desse modo, o leitor percebe a obra clariceana como:

Percurso paciente, feito de viagens submersas a aflorações violentas de cores e perfumes, sua linguagem é uma das experiências mais vivas que o leitor pode ter de si mesmo e do mundo. Linguagem elaborada na constante desconfiança de si mesma, sempre apontada para o intervalo entre as palavras e as coisas, a expressão verbal em Clarice Lispector é um tecido móvel cujas linhas anseiam o espaço de silêncio em que o homem e a natureza elaboram o guto de seu reconhecimento.¹

Mergulhar no universo poético de Clarice Lispector é um desafio constante para o leitor e uma forma original de ser envolvido pela palavra e de atingir o que tem de mais autêntico no homem e na linguagem, podendo, assim, ser levado bem além de todo começo possível.

Para Bachelard, o mais insidioso dos automatismos é o automatismo da linguagem, pois adormece o ser; mas essa percepção mecanizada da vida deixa de funcionar quando penetramos na sublimação pura, quando a imaginação nos

¹ Que mistério tem Clarice? Publicado na Revista Isto É nº 52, p. 52-53, de 21/12/77.

coloca na margem em que a função do irreal vem arrebatá-lo ou inquietá-lo. (BACHELARD, 2005, p. 18)

É justamente essa a inquietação que o texto de Clarice Lispector proporciona ao leitor, dinamizando a vida e renovando percepções.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BACHELARD, Gaston. *A poética do espaço*. Tradução: Antonio de Pádua Danesi. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

Sá, Olga de. *A escritura de Clarice Lispector*. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1979.

NUNES, Benedito. *O dorso do tigre*. São Paulo: Perspectiva, 1969.

_____. (Coord.) *Clarice Lispector: A paixão segundo G.H.* Edição Crítica. UFSC: Florianópolis, 1988.

LISPECTOR, Clarice. *Laços de Família*. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

Gêneses. *Bíblia Sagrada*. Petrópolis, RJ: Editora Vozes e Santuário, 1993.

VIEIRA, Nelson. A linguagem espiritual de Clarice Lispector. In: *Travessia*. Revista do curso de Pós-Graduação em Literatura brasileira. Florianópolis: UFSC, nº 14, 1987.

MANZO, Lícia. *Era uma vez: Eu - a não ficção na obra de Clarice Lispector*. Curitiba: Secretaria do Estado da Cultura: The Document Company- Xerox do Brasil, 1997.

VIEIRA, Telma Maria. *Clarice Lispector: uma leitura instigante*. São Paulo: Maltese, 2000.